

## **Carta à Cecília por causa de um Arco Maior: uma festa de recomeços.**

Sabes, Cecília, há tempos que não falamos e eu tinha uma série de coisas para te contar. O tempo passa. Mas não passa, felizmente, esta vontade humana de conversarmos e de vermos os olhos do outro a brilhar, uma luz húmida a aparecer, assim muito devagarinho.

O mundo está agora um pouco mais difícil, mais desigual e fragmentado, a cultura dominante gera uma situação crítica, inquietante, com cada vez mais pessoas aflitas sobre a Terra, apenas porque lhes falta o que é básico para uma vida decente. A política, que queríamos reinventar, cedeu o espaço público à economia e esta cedeu o espaço público ao capitalismo financeiro e este segue veloz, sem freio nos dentes, tornando os seres humanos coisas descartáveis, como diz o Papa que veio da tua cidade, para dar um pouco mais de luz a este nosso mundo. Vivemos hoje um tempo de viragem, de que tu falavas muitas vezes, mas tem de ser uma viragem mais séria e profunda do que poderíamos alguma vez imaginar.

Marc Augé acaba de nos alertar para “Os novos medos”, num livro de 2013. Medos que se agigantam, medos com os quais é difícil viver e saber viver, medos pesados, do futuro, do presente e do outro. Agiganta-se o medo dos outros, dos diferentes e até dos iguais. O equilíbrio das sociedades humanas está ameaçado porque existe um mal-estar generalizado. Os governos e os seus aparatos tecnológicos transformam-se em “administradores do medo” (P. Virilio) e os governados em pessoas com medo, fechadas sobre si mesmas, isoladas, cada vez menos disponíveis para criar relação. O espaço público atrofia-se. O presente toma conta de tudo e nós deixamo-nos encarcerar dentro dele, por medo e como fuga; que engano este presente “presentinho”!

O tempo real substitui o espaço real, diz o mesmo P. Virilio, e o simbólico, tão decisivo na relação humana, foge do espaço social, que se estiola num espaço de fragilidade, de inquietação, sem laços. A realidade é expulsa da comunicação quotidiana (ainda que seja por excesso de realismo!) e com ela somos expulsos nós mesmos: há cada vez menos lugar para nós humanos neste mundo. Nós, seres que não podem adiar o seu ser relacional para amanhã, para as calendas gregas, sob pena de morrermos de sede.

Os medos são agora explorados à exaustão pelos media e isso faz com que o real, os casos concretos e as pessoas concretas quase não existam, sejam irreais, uma ficção, fazendo parte do “empilhamento arbitrário de casos concretos”, que impregna a realidade de “uma atmosfera realmente opressora” (M. Augé). Sabes, tenho para mim que o real só regressa quando regressar ao espaço público a relação e o mistério. Aqui e agora.

Pois é, somos uma gente demasiado humana, somos escandalosamente humanos, somos demasiado presente e sonho, incerteza e mistério. E será mesmo possível e “politicamente correto” continuarmos a desejar um mundo para nós humanos, na nossa incomensurável diversidade e na profundidade do nosso invisível e na imensidão do nosso indizível?

Mas, entretanto, confundimos a liberdade individual e o respeito pela pessoa com o crescimento do individualismo e com a mera associação com aqueles que são iguais a nós. Atualmente, na Europa e no Ocidente, se nos mantivermos fechados nas ilhas entretanto por nós geradas (as *comunidades de mesmidade* de

que fala Z. Bauman), se não cuidarmos das relações, de cada outro e diferente, que é quem realmente nos revela na nossa identidade e nos faz verdadeiramente pessoas, se não cuidarmos mormente de quem mais precisa de atenção e cuidado, veremos estas sociedades – as nossas cidades - evoluírem de tal modo fragmentadas e atomizadas que só seremos capazes de comunicar uns com os outros no quadro da tensão, do conflito entre grupos fechados e da violência. Fechados na comodidade da comunidade de iguais, é como diz o Papa Francisco, um “lento suicídio”.

Numa cidade como aquela em que vivo, o Porto, estas comunidades de mesmidade estão vivas e em crescimento, a exclusão está assente e normalizada, e... lá vamos vivendo em cima de barris de pólvora de injustiça, de infelicidade e de falsidade.

Sem relação, seremos como bichos errantes (os de perto estarão cada vez mais longe e os de longe estarão sempre ausentes por perto). Por outro lado, quanto mais formos capazes de criar relação, quanto mais investirmos forças na (re)criação do laço social, de fazer emergir a “força dos laços frágeis” (Granovetter), mais solidária será a nossa “cidade”. O individualismo, que nos encerra sobre nós mesmos, acaba por ser mais um passo dado sob a ordem de uma lógica consumista e financeira, que nos retira o tempo para estarmos uns com os outros, que nos rouba o emprego e a troca de ideias, que nos empurra para um retraimento involuntário, cheios de medo, à procura de alguma segurança (que por essa via não virá). É dramático que cada um almeje “querer ser humano sozinho e à minha maneira”. O equívoco é tremendo!

Será para isto que queremos a liberdade, para nos fecharmos em ilhas cada vez mais fortalecidas, para nos silarmos, com o apoio do quotidiano *zapping*, condenando cada um à sua sorte? Não é, certamente, e em nós não morre nunca a disponibilidade para irmos de encontro ao outro, ao diferente.

Concordarás comigo que não podemos admitir que agora passe a ser cada um por si e para si e cada um contra os outros. Se fosse, para quê valores partilhados com a comunidade, em ordem ao bem comum? Para quê mantermos tradições que nos fazem sentir bem, viver bem, em comum e dignamente?

Estamos a perder o sentido de comunidade/sociedade, que é também um apelo à responsabilidade pessoal e social. De manhã, separamos povos, grupos, crenças, etnias, cada um a gozar a “sua” liberdade, no “seu” canto, à tarde proclamamos a interculturalidade e que somos “todos iguais e todos diferentes” e, à noite, fazemos jogos de simulação de amor e guerra entre esses grupos, fechados cada um na sua célula ou no seu silo, sentados no sofá, diante de um ecrã. De madrugada, virão os pesadelos! A silagem pessoal e social só pode acabar mal!

### Uma educação de qualidade para todos

Pergunto-me, como tu dizias em Madrid, em 2004, na Fundação Santillana, “se é possível uma educação de qualidade para todos”. Eu não duvido que seja concretizável, mas neste contexto sociocultural dominante, a tarefa da universalização é quase impossível. Mas trata-se de um *impossível* que me leva a não desistir nunca de o tornar possível, porque há nada melhor que a sociedade possa oferecer a cada cidadão do que uma educação escolar de qualidade, capaz de fazer com que cada um possa libertar o potencial humano único, rico e inesgotável que há em si. A escola, com a família, e arrostando por vezes com as

fragilidades desta, são instituições sociais nucleares, que devem merecer de todos o máximo cuidado.

Sabes uma coisa? À medida que os anos passam e ao mesmo tempo que me convenço de que será impossível alcançar a universalização do modelo de educação escolar hoje dominante, claro que falo de uma universalização com qualidade, também me dou conta de quão libertadora é a educação, de quão importante é proporcionarmos oportunidades a todos de se des-envolverem (de se colocarem a jeito para que o seu novelo pessoal seja puxado em várias das suas pontas, revelando a riqueza que cada um é), numa instituição educativa, seja de educação escolar seja de educação social.

Não, não somos Ícaros, somos Sísifos, carregamos o pedregulho pelo monte acima e, quando estamos a chegar ao cimo, a pedra rola e não nos resta outra coisa que não seja carregar de novo com ela e voltar a subir o monte. Só assim, o impossível acontece.

Todos estes anos tenho continuado “amarrado” ao mundo da educação, aquele que fizemos nosso, para sempre. Entre as novidades que tenho para te contar está a criação do Arco Maior, um projeto socioeducativo que desenvolvemos aqui no Porto, esta pequena cidade do outro lado do Atlântico, esse oceano que sempre nos ligou, sem temor nem tremor. Tu gostavas sempre de saber o que se passava por aqui de novo. Pois, novo novo é mesmo o Arco Maior.

Para começar a explicar-te o que é o Arco Maior envio-te uma foto que tirei em Ayamonte, em Espanha, e que te introduz no tema (ver imagem).



O Porto é uma cidade pequena, se comparada com Buenos Aires. Mas fica também deitada a espreguiçar-se junto ao mar. Certo dia, numa carta tua, dizias que nós, os portugueses, vivemos muito voltados para o mar, abertos ao oceano, mais do que os argentinos e os porteños, que historicamente vivem muito mais voltados para dentro e para outros lados do continente sul-americano.

Aqui, perto de duzentos adolescentes e jovens, todos os anos, ficam sem qualquer resposta educativa escolar e andam institucionalmente perdidos pela cidade, geralmente em bairros e em famílias de poucos recursos económicos e muito baixo capital escolar; caíram por entre a malha ou da rede de “protecção social” e de “vinculação social”, não por acaso, mas porque esta rede falhou (a rede social e não apenas a escola a ou b).

Ou melhor, a comunidade é que falha e é preciso pensarmos sobre os porquês deste estrondoso falhanço, uma vez que, felizmente, não nos faltam recursos. Eu não posso viver nesta cidade do Porto, saber que ficam, todos os anos, cerca de duzentos adolescentes, geralmente os mais pobres e perdidos, sem qualquer resposta educativa adequada e permanecer indiferente. Temos de ficar diferentes e agir. Não nos faltando recursos, falta-nos mais frequentemente outra coisa: inteligência coletiva, conhecimento partilhado e construção de novas propostas no espaço público.

As instituições falharam porque estão demasiado entretidas consigo próprias e com os seus egos (as suas normazinhas, os seus estatutozinhos, o seu pessoalzinho, os seus objetivos e metas, muito importantes...); e ouve-se dizer: “se há crianças e adolescentes que se perdem pelo caminho, pois paciência”; “se esses jovens passaram de alunos em risco para jovens “riscados”, problema deles, que tivessem aproveitado as oportunidades que a sociedade e a escola lhes deram, é a vida!” ou ainda “Que havemos de fazer? Sempre foi assim e antes até havia muito mais gente que não estudava e isso nunca foi um grande problema para o país!”

Tu sabes bem que as instituições escolares que agora são chamadas pela sociedade a acolher todas as crianças e jovens até aos 18 anos (em Portugal, a escolaridade é obrigatória até aos 18 anos e até ao 12º ano de escolaridade) são organizacionalmente as mesmas que antes acolhiam apenas os que tinham quem olhasse por eles, os enviasse às escolas e os acompanhasse em casa, ainda que com algumas dificuldades. Agora, no momento em que todos os cidadãos para lá vão ou são enviados (e até empurrados), mesmo os que não querem nem estudar, nem nelas trabalhar e os que nelas não encontram o necessário e adequado acolhimento, é preciso que as instituições se renovem, alarguem as suas portas, abram e façam crescer os arcos dos seus umbrais, para poderem conhecer, reconhecer, acolher e promover cada um e todos.

E não basta querer, não basta incluir isso nos ramalhetes dos bonitos “projetos educativos”, onde está tudo escrito e onde pode não estar ninguém, é preciso fazê-lo, com coragem e persistência, mas fazê-lo. A cidade tem de ter resposta para estes jovens que quase todos abandonam e onde, eles mesmos, acabam por abandonar quase todos à sua volta. Por isso, nós temos dito e escrito por aqui: Arco Maior, a cidade tem resposta para o abandono escolar precoce!

Uma resposta-proposta socioeducativa e sociocomunitária

É para mim evidente que as escolas se deviam capacitar para prevenir o abandono escolar precoce, proporcionando outras oportunidades educativas, dentro das escolas e entre escolas de um mesmo local, fora do mainstream escolar. Mas, quando isso não acontece, é preciso agir!

Estamos conscientes de que estamos a criar um tipo de proposta socioeducativa que já deveria ter sido há muito criada, que faz muita falta à sociedade actual, porque ela constitui talvez a única resposta adequada para centenas de adolescentes perdidos nas suas vidas, porque em grande medida deitados a perder pelas instituições que para eles deveriam ter sido a referência e uma ocasião de pronto e irrefutável acolhimento.

Vamos a correr, mas é sempre assim: quando chegamos, temos a percepção clara de que já chegamos atrasados junto dos que mais precisam. Temos de ir e persistir no caminho e, com uma alma aberta e com humildade, ouvir, dar, apreender.

Precisamos de integração e cooperação, não de selectividade e de exclusão. Essa mudança de paradigma ainda não chegou ao coração nem às práticas de muitas das nossas instituições de educação escolar. E teima muito em chegar! Porque o problema está na cabeça de quem dirige as instituições, a nível de topo e intermédio, antes do que em quaisquer outras pessoas e instituições. Estas pessoas-dirigentes ainda não mudaram de paradigma, embora muitas tenham a boca cheia de “progressismos” e de vários ideais com lindas tonalidades salvíficas!

Por isso mesmo é que digo que é preciso fazer crescer os arcos dos umbrais das escolas, para criarmos um arco maior! A questão é, pois, estrutural! As cabeças limitadas de alguns dos nossos dirigentes de escolas e de centros de formação, há muito se deveriam ter unido para criar este tipo de respostas socioeducativas, para que escolas e centros possam ter um lugar e um lugar com sentido para cada um e, por isso, com a devida qualidade!

Hoje criamos este centro socioeducativo, amanhã serão necessários outros; a cidade precisa de mais respostas deste tipo, que partem em socorro dos que abandonaram e foram sendo abandonados e que hoje são adolescentes e jovens que se encontram aflitos; eles são pessoas que se encontram nessa difícil e bela idade de busca incessante, a idade de soltar fios e cordas que têm, com a nossa ajuda, de se transformar em laços e em nós.

Começámos a encontrarmo-nos já em 2010, várias instituições da cidade do Porto, sob a iniciativa das Comissões de Protecção de Crianças e de Jovens em Risco-CPCJ (há três instituições deste tipo, no Porto, reunindo todos os parceiros com ação preventiva contra o abandono escolar precoce), que me pediram para tomar a iniciativa de as convocar a todas, após um encontro com o Juíz-Conselheiro Armando Leandro, que dirige estas comissões, a nível nacional. Após três anos de trabalho e de sucessivas tentativas frustradas de lançamento do projeto, lá nasceu o Arco Maior.

Pedimos instalações a uma instituição, a Santa Casa da Misericórdia do Porto, que as ofereceu, sugerimos ao Ministério da Educação que estivesse dentro deste tipo de resposta-proposta, e colocou-nos um Agrupamento Escolar como apoio, dando os docentes e atribuindo parte do seu horário como trabalho neste projeto, envolvemos a minha universidade e avançámos. A identificação e seleção dos jovens seguiu um trabalho de vários meses, feito por dois professores, junto das referidas CPCJ e de várias instituições sociais, que

trabalham em cada freguesia e em cada bairro social da cidade (estes dois professores do ensino secundário tinham sido destacados pelo Ministério da Educação, a tempo inteiro, para a minha universidade). Demos prioridade à parte ocidental da cidade, apenas por ser o local onde está localizada a universidade.

Em Setembro de 2013, o Arco Maior iniciou as suas atividades formativas regulares, com vinte jovens, entre os 17 e os 22 anos. Uns andaram nas escolas oito anos e não sabem ler ou escrever, outros saíram da escola revoltados e não obedecem à autoridade de ninguém, outros entraram na droga e fizeram processos de recuperação e agora tentam a sua “reinserção”, outros simplesmente vagueiam pela cidade, cometendo pequenos delitos.

Estes primeiros três anos invisíveis foram difíceis. Hoje já não se vêem, mas constituíram a parte escondida do iceberg, o que ninguém vê. Foi duro resistir na sombra, sem luz. Foi como uma pequena planta que, durante uma extraordinariamente longa noite, diante de adversidades várias (parceiros que tudo prometeram e falharam, instalações disponíveis que apareceram ocupadas, apoio do Estado e falta de enquadramento legal adequado, etc, etc) encontrou pequeninos raios de luz, que apenas trespassavam por entre as fendas das portas e janelas, e que com eles sobreviveu, consumindo pouca energia e preparando-se para dias de mais luz. É nesses que hoje estamos. Porque cada um destes vinte jovens transporta uma luz admirável, assim saibamos nós e eles alimentá-la!

Estes são jovens como tantos outros: querem recomeçar.

Cecília, estou a ver agora a tua cara sorridente, assim de um lado ao outro, completamente sorridente; porque quando sorris, sorris com toda a tua alma e com sinceridade, com toda a tua cara, incluindo os teus olhos. Pois então, vou-te continuar a contar a história do Arco Maior.

Um dia, enquanto negociava com o Ministério da Educação para encontrar formas concretas de fazer nascer o projeto, uma dirigente da administração retorquia-me: “mas estes jovens são *não-alunos*, eles não estão em nenhuma escola e já não constam das listas de nenhum centro de formação!”. É verdade, não são alunos, mas ainda são pessoas e encontram-se com a vida estroncada, entre outras coisas porque se encontram impossibilitados de exercer uma atividade profissional formal, uma vez que não possuem o 9º ano de escolaridade (em Portugal é necessário estar certificado com o 9º ano para se aceder a um emprego formal e iniciar uma atividade profissional).

Os adolescentes experimentam hoje, mais do que os tradicionais ritos de passagem, aquilo que Carles Feixa chama as “ritualizações do impasse”. Eles desenvolvem percepções, mirando os seus amigos jovens, sobre o que os espera, um pouco mais adiante, a saber, o *país do nunca mais*: nunca mais acaba a formação inicial e nunca mais sou livre para seguir a minha vida; nunca mais consigo sair de casa dos pais; nunca mais tenho o meu dinheiro, nunca mais encontro trabalho; nunca mais compro casa, nunca mais consigo casar, nunca mais posso ter filhos, nunca mais...

Vários grupos juvenis respiram hoje a inquietação e a angústia deste tempo, a crise e a incerteza que o envolve, mergulhados no presente, um tempo que tem muito pouco futuro dentro dele, ao mesmo tempo que tem cada vez menos

passado e memória. O tempo presente tem uma tal complexidade, intensidade, vertigem e inquietação que tende a dominar todo o tempo possível, tornando-se o tempo todo. Este tempo, para estes cidadãos, vive-se sobrevivendo, recorrendo aos mais “anormais” expedientes: consumos de drogas, fugas do real, roubos e outros delitos, um presente típico de quem tem pouco a perder.

Vários grupos juvenis experimentam alguma dificuldade (bem maior para os mais pobres e oriundos de famílias de débil capital cultural) em afirmar a sua autonomia e responsabilidade, vivendo muitos deles difíceis processos de afirmação pessoal e identitária e de construção de projetos de vida e de cidadania, inventando-se como atores sociais.

A pertença desenvolve-se para muitos através do (direito ao) consumo e de várias expressões de adesão cultural, com destaque para as “redes sociais” virtuais e para a música, forma privilegiada de diálogo dos jovens de hoje com o mundo. Para outros restam os consumos de substâncias aditivas, a fuga a uma realidade que tem pouca realidade que valha a pena viver, restam os roubos e os pequenos delitos, a desvinculação social e o desinteresse, quando não os gangues e a violência. Muitos deles têm pais ausentes, presos, violentos, alcoólicos. Vivem para sobreviver.

Grave é que, por cima de tudo isto, nem as escolas nem os centros de formação da cidade sejam capazes de responder às necessidades de integração social e às necessidades educativas básicas destes adolescentes. As instituições esgotam-se em múltiplas trapalhadas, antes de serem capazes de ir de encontro e de resolver o que é básico.

A escolha entre o grito e o sopro

Como tu dizias, em 2004, acerca dos jovens que chegam às suas escolas e disparam a matar, sobre colegas e professores, com inexplicável violência, estes jovens apresentam cinco dimensões que fazem parte da “possibilidade de serem felizes”: a possibilidade de dar uma explicação à sua própria vida e ao mundo; a autoestima e a estima pelos outros; a possibilidade de realizar um projeto de vida; a posse das capacidades para levar a cabo esse projeto e as estratégias para se vincular com os outros. Tu dizias mesmo que os sistemas educativos deveriam ser avaliados, na sua qualidade, em função destas mesmas dimensões. Pois é, mas estão muito longe de o serem!

Outra história, a este respeito. Tivemos uma visita recente de uma equipa de reportagem da agência portuguesa de notícias, a Lusa. A jornalista, no final da visita, afirmava, bastante estupefacta, que as relações dos professores com estes jovens estavam marcadas por muita ternura. Pois, como poderia ser de outro modo? Porquê o escândalo?

Entretanto publicou o seu artigo e intitulou-o: *afetos ajudam 20 jovens do Porto a regressar à escola*. No *lied* da notícia escreve: “o segredo está nos afetos, no cuidado de perguntar se está tudo bem e telefonar quando faltam...”; e podia ter dito que telefonamos aos jovens, ao Fábio, ao Pedro, à Inês, ao Nuno, à Sandra, ao Bruno, muitas vezes apenas para os acordar, pela manhã, para se levantarem e virem ter connosco, ao Arco Maior. Muitas vezes, no mesmo dia, temos de lhes telefonar de novo, após o almoço, se por acaso vão almoçar fora. Uma jovem do Arco Maior comentava à jornalista da Lusa: “o que é diferente aqui é o carinho dos professores. A preocupação. Gosto disto. Não vou desistir.”

Sabes que vivo em frente a uma escola secundária? Do outro lado da rua chegam-me todo o ano muitos gritos de professores dentro das salas de aula. Nós, no Arco Maior, tivemos de fazer uma importante opção e escolher entre o grito e o sopro. O grito leva a força das flechas e das balas e facilmente entra e sai do corpo do outro, ferindo-o e, por vezes, matando-o. Além disso, o grito é sempre proferido de longe, carregado de medo, provocando distância.

Ao contrário, só o sopro permite que dois seres se encontrem e os seus olhos se revejam, requer proximidade, pede que um maior se tenha de vergar para dialogar com um mais pequeno, só o sopro permite verdadeiramente emitir a palavra, aquela palavra que é dita com cuidado e que pode ser ouvida com atenção.

Sabes, Cecília, muitas vezes penso que a nossa liberdade é antes de mais o poder que temos de renunciar aos caminhos feitos, que todos já seguem, afirmando-os e reafirmando-os, a “gritar” se for preciso. O *mainstream* é sempre muito poderoso, sobretudo quando encarnado num sistema que é seguido diariamente por milhões de cidadãos, com razoável segurança, eficácia e bastante aceitação social. Estes várias vezes, por inadequados, conduzem à desgraça. Nós somos livres de ir por outro caminho, mas nem sempre estamos disponíveis para o fazer. Tu dizias muitas vezes que, mesmo em condições bastante adversas, há professores que ensinam bem e com bons resultados, acrescentando: “há duas chaves para que isso aconteça: o seu profissionalismo e a sua fortaleza ética”.

Juntos, num trabalho semanal reflexivo e cooperativo (“ninguém pode nada sozinho”), é isso mesmo que vamos fazendo: fortalecemos eticamente o nosso profissionalismo.

O que define este Projeto Socioeducativo que tem uma porta maior?

Em 2010, no meu último livro, tinha escrito isto: “Se, mesmo assim, falharem as respostas que existem instituídas, é preciso criar outras, muito mais flexíveis e abertas à inspiração humana, instituídas sob o signo do máximo cuidado e da máxima atenção a cada pessoa que mora em cada aluno, a cada situação envolvente, e dirigidas à edificação de novos projetos de vida, que só os próprios podem construir, passo a passo, com muita paciência, resistência e determinação. Temos tantos técnicos tão capazes de o fazer, que já o fazem e que o podem fazer ainda melhor! É só incentivar e proporcionar os meios!”.

Aceita que te explicito os cinco princípios que norteiam o nosso projeto, conferindo-lhe um sentido: o diálogo, a largueza, a ternura, a autonomia, a familiaridade e a liberdade

*O diálogo* interinstitucional e interprofissional constitui a antecâmara da cooperação. Sem cooperação entre os diversos profissionais e entre as diferentes entidades será impossível criarmos uma resposta de qualidade para cada adolescente. Os problemas que eles transportam, travestidos tantas vezes de roupagens escolares, são, as mais das vezes, espelhos de dramas familiares, socioeconómicos, culturais. Esta cooperação é exigente, porque requer uma postura de abertura e construtiva, de reconhecimento mútuo entre os profissionais e entre as instituições. Requer humildade pessoal e institucional e a consciência clara de que sozinhos podemos pouco e de que juntos, mesmo assim, pouco podemos, se não formos capazes de despoletar a determinação de cada um dos que nos procuram e a quem buscamos.

*A largueza:* funcionaremos sempre em casas de pedra e tijolo, mas seremos uma dinâmica socioeducativa elástica, plástica, de porta larga, com o maior arco que se avista, capaz de acolher cabeçudos, atarantados, revoltados, com revoltas pessoais do tamanho da maior praça da cidade, adolescentes desiludidos, perdidos, frustrados, gente de braços grandes e gente sem braços, de pernas agigantadas, de olhos quadrados e de dedos mínimos, de barrigas grandes e sem barriga, de falas tortas e de nenhuma falas...aqui, dentro desta largueza e deste horizonte, inscreve-se a relação e o cuidado, estabelecem-se os limites e concede-se o necessário apoio, exigente, cuidadoso, amoroso, para o desenvolvimento humano necessário e imperioso de cada um.

*A ternura:* esta proposta socioeducativa tem a marca do laço que ata e desata, porque nada do que é humano e relacional aqui fica para terceiro plano, nem sequer em nome das “aprendizagens escolares”; aqui vigora e reina a “fortaleza dos laços frágeis” (retomando Ganovetter), do amor e da dádiva dos professores-educadores-animadores; prevalece o diálogo, a exigência e a fortaleza do que dá luta, do que revigora, do que tempera. O amor tudo pode, tudo vence; o amor não é lamechas, o amor não é invertebrado, o amor é o tempero. Se o tempero perder o sabor... Sabes, muitas vezes me pergunto: a que sabe a educação escolar?

*A autonomia:* a proposta educativa - e também escolar - que é feita a estes jovens e aos seus “desviados” comportamentos tem de ser trabalhada caso a caso e construída a par e passo, sob o lema da leveza, alicerçada numa aventura que os professores e formadores orientam com rigor e determinação, procurando sempre, até encontrarem, com cada jovem, as pedras onde cada ela e cada ele possam fixar os seus próprios pés, as alavancas que poderão proporcionar-lhes crescer na sua identidade, auto-estima, autonomia e na sua capacidade de reinserção escolar e socioprofissional.

A procura, a identificação e o desenvolvimento dos talentos que moram em cada um, as mais das vezes escondidos, adormecidos ou esquecidos e até repudiados, deve contar com o apoio de todos os intervenientes e tem de ser obra sobretudo de cada adolescente e jovem. Esperam-nos, por isso, situações e dilemas de difícil resolução.

*A família* deve estar sempre no coração da presença temporária dos adolescentes no Arco Maior. Primeiro, a família biológica, que deve ser sempre envolvida e “recuperada” pela tessitura de laços que são feitos pelos seus técnicos e educadores. Em segunda instância, na ausência desta, as famílias de substituição (ou adultos de referência ou “padrinhos”) e, finalmente, o próprio Arco Maior, uma nova “família”, na medida em que cria um ambiente com vínculos, o mais acolhedor possível e estimulador do desenvolvimento de talentos e da autonomia pessoal.

*A liberdade:* cada professor e animador pode e deve, em liberdade e com responsabilidade, criar as condições para que cada adolescente possa constuir aqui um “projeto de vida”, um itinerário pessoal e social em que verdadeiramente acredite, com a máxima liberdade possível. O Arco Maior é o espaço e o tempo dos recomeços.

O maior bem do ser humano e o nosso maior bem educacional é relacional, tudo o resto é acessório e coadjuvante.

Por vezes também defino o Arco Maior pela negativa, porque também é um procedimento esclarecedor. Assim, esta proposta-resposta educativa não é:

Não é uma alternativa às escolas já existentes, é apenas um local e um tempo de *transição* que oferece, a quem já caiu por entre malha de todas as escolas e centros de formação da cidade, o tempo e as oportunidades de se reencontrar e recomeçar, de estabelecer bases minimamente sólidas para um novo itinerário de vida. Este passará, em boa medida, pelo regresso às escolas e aos centros de formação ou pela inserção socioprofissional imediata.

Não se pode, pois, confundir o Arco Maior com qualquer forma de institucionalização, pois radica nesta transitoriedade.

Também não é mais uma escola típica, que tem os seus planos de estudo e metodologias prévias e totalmente desenhados, a sua avaliação pedagógica formatada e onde o principal ofício dos professores e educadores é aplicar esses planos já estabelecidos. Diante do referencial geral conhecido, criámos, plasticamente e com cada adolescente, as dobradiças necessárias e melhor adaptadas à montagem de cada porta: se mais acima ou mais abaixo, se abre para dentro ou para fora, se se implanta no umbral direito ou esquerdo...

Não é também um somatório de profissionais que são atirados, tipo detergente que se atira para dentro da máquina de lavar, para cima de uns meninos estranhos e sujos que vão sair daqui mais brancos; o Arco Maior tem de ir sendo uma equipa coesa de profissionais! Isto leva tempo, muito tempo, por isso tem de ser uma prioridade cultivada desde o primeiro dia. Devidamente adubada e regada! Sem secretismos e grupinhos, num ambiente sempre aberto e responsabilizante.

Com base num diagnóstico rigoroso das aprendizagens escolares, dos saberes práticos e das competências sociais de cada adolescente e jovem, é elaborado um plano de desenvolvimento pessoal, acompanhado por cada docente e por todos eles, num trabalho cooperativo. As áreas nucleares da formação sociocultural são: Língua Materna, Matemática, Língua Estrangeira, Cidadania e Empregabilidade; as Práticas Oficiais propostas a todos são: Restauro, Restauração, Artes e Ofícios e TIC-Multimédia. A formação completa-se com outras aprendizagens que visam favorecer a autonomia e a inserção social, como a realização de visitas e estágios em instituições acolhedoras da cidade. Aos jovens serão proporcionadas, na medida do seu mérito, certificações escolares referentes ao 6º e ao 9º anos de escolaridade, conforme os casos.

A certificação é apenas uma forma de recompensar um caminho feito e criar mais uma oportunidade de prosseguimento de novas etapas no mesmo caminho: com mais autonomia, mais responsabilidade e liberdade. Uns querem continuar a estudar, o que muito nos espanta, porque é a maioria; eles tinham rejeitado a escola, o “ensino regular”. Agora querem fazer um curso profissional, algo muito mais prático. Reconheço que vamos ter de os ajudar e continuar apoiar no seu ingresso em modelos mais ou menos escolares, que tendem a tomá-los apenas como mais um jovem, entre mil. Temos de nos manter como clínica de atendimento permanente, em SOS. Outros querem procurar um emprego, o que está muito difícil, por agora, em Portugal e aqui no Porto. Vamos mobilizar uma rede de instituições da cidade, para ver se encontramos algumas ocupações, ainda que parciais. Sabes, tenho a sensação de que acabada a resposta a um desafio que eles nos colocam, surgem logo dois novos. A educação tem deste tipo de milagres!

O Arco Maior está no terreno, somos laços e somos nós.

Nos últimos anos tenho-me feito uma pergunta que não tinha tido ainda ocasião para partilhar contigo. Na educação escolar, há realmente lugar para o outro, o diferente? Não será a educação escolar um lugar demasiado fechado sobre os iguais, uma “comunidade de mesmidade” como diz Z. Bauman? Conheço muitos diretores de escolas públicas, em Portugal, que reconhecem que abandonam uma parte (pequena) dos seus alunos, mas abandonam, com o sentimento (desculpabilizante-legitimador) de que pouco podiam ter feito por eles.

A homogeneização ainda marca demasiado o “modelo moderno de educação escolar”, esse MMEE de que tanto falámos entre nós! O mundo de hoje, ainda por cima inundado por um consumismo defrenfreado, tende a neutralizar as diferenças, a reduzi-las a zero, como nas linhas de montagem das fábricas: zero diferenças, zero defeitos. R. Sennet, no seu novo livro sobre a “ética da cooperação”, que se chama “Together”, afirma que esta vontade de domesticar nasce do medo que temos e da angústia que manifestamos diante da diferença. Um dos resultados, diz ele, é o enfraquecimento dessa força interior que nos empurra para a “cooperação com aqueles que permanecem irredutivelmente Outros”.

Uma generalizada “desqualificação” para as relações e para os laços sociais habita as nossas cidades, empresas e escolas, agora que estamos a ser cada vez mais remetidos para lugares sem relação e sem contacto humano, seja pela perda de empregos, de famílias, de contactos com colegas, seja pelo uso avassalador da Internet, substituindo aquelas perdas pelo novo “contacto” virtual. Perdemos competências indispensáveis ao acolhimento do diferente, ou seja, competências para amar, digo eu.

Ora, se o problema já é inquietante do ponto de vista social, no quadro escolar, já de si muito homogeneizante e fabril, a tendência para neutralizar as diferenças encontra um ambiente cultural dominante que é frequentemente pactuante e legitimador. Daí a naturalização da neutralização das diferenças, no contexto escolar, daí a naturalização da eficiência, da eficácia e da produtividade económica, referenciais cada vez mais adoptados no ambiente escolar. Os que agora são remetidos para o lado de fora, há uns anos nem sequer vinham à escola. Mas, como na atualidade, em Portugal, quase todas as crianças são escolarizadas até aos 15 anos, para alguns dirigentes políticos e escolares é preciso *limpar o terreno*, sobretudo afastando aqueles que são tão diferentes que até acumulam repetidos insucessos *escolares e se tornam indisciplinados e violentos*. Ou seja, a legitimação é total, o crime é perfeito.

Voltamos à tua pergunta, em Madrid, em 2004: será possível uma educação de qualidade para todos?

Estou certo de que enquanto a educação escolar quiser ser sobretudo um circo escolar para a economia ver, vai ser muito difícil que esse desiderato se cumpra. Mas está bem ao nosso alcance, com esse “optimismo céptico” de que falavas no teu “Re-haciendo escuelas”, de 1999, ir tornando esse sinho possível, com uma concepção de educação escolar antropológica e eticamente fundada, posta em prática em liberdade e com responsabilidade, quer no seio de uma cultura escolar apostada no rigoroso desenvolvimento de cada um, quer por no quadro de compromissos sociais muito concretos, que envolvam a comunidade local.

Dois poemas para ti

Cecília, foi muito bom, escrevendo-te, ter estado de novo mais próximo de ti. Daqui me despeço, desta cidade encostada ao rio e de olhos postos no mar, quase a alcançar o Mar de la Plata, no ano da graça de 2014, no início do século que ou seria o da solidariedade ou não seria (como disse Malraux), mas que para o ser está a começar bastante mal.

Gosto muito de poesia, como bem sabes. Hoje não te envio Pessoa nem fados. Para começar, envio-te este poema sobre a cidade, um pouco sombrio e denunciador, de uma poeta portuguesa do sec. XX.

### **Cidade dos outros**

Uma terrível atroz imensa  
Desonestidade  
Cobre a cidade

Há um murmúrio de combinações  
Uma telegrafia  
Sem gestos sem sinais sem fios

O mal procura o mal e ambos se entendem  
Compram e vendem

E com um sabor a coisa morta  
A cidade dos outros  
Bate à nossa porta

Sophia de Mello Breyner Andresen  
in Geografia - Edições Salamandra, 1990

Em Portugal, nas pequenas localidades, quando se promove uma festa popular, começa-se por erguer um arco grande, no caminho, à entrada da localidade. Este arco é muito colorido, festivo e anuncia a alegria que ali se desfruta e indica aos forasteiros que ali decorre uma festa popular.

Sabes que não sou muito exagerado, mas sabes também que me entusiasmo com aquilo em que acredito, quando vejo cada um destes jovens a reaparecerem na sua identidade, autonomia e bondade. E este Arco Maior, além de querer significar que neste projeto socioeducativo e sociocomunitário cabem todos, mesmo os que querem entrar atravessados, na horizontal, também quer dizer que aqui, todos os dias há festa, a festa dos recomeços, a alegria que brota de encontrar pequenos fios que nos podem ligar e religar a nós mesmos e ao mundo, quer dizer que aqui há muita esperança a surgir no meio de conflitos, lutas, contradições, afastamentos e reencontros, quer dizer que acreditamos profundamente nos seres humanos que somos, seres capazes do pior e do melhor, seres convocados para a relação e para uma vida digna.

Estamos ainda no início, é verdade. Só temos quatro anos de caminho, com apenas um deles com a cabeça de fora, à luz. Mas este é um daqueles começos que sei que te dará muita alegria conhecer.

Deixo-te finalmente com um novo poema, desta vez de Wislawa Szymborska, uma poeta lá das terras de onde tu tens raízes, sobre o amanhecer. É mais

esperançoso do que o outro poema, e diz bem desta alegria que podemos encontrar em cada dia, desde que estejamos conscientes de que, uma vez acordados, vale a pena ir de encontro ao outro, apesar de lá chegarmos, como disse, geralmente atrasados pois, entretanto, já a luz e a graça habitam a realidade que nos cerca, sem sequer nos termos dado conta disso; basta-nos, ao sair de casa, agarrar a riqueza e a alegria que estão na soleira da nossa porta.

### **O amanhecer**

Ainda durmo  
e entretanto sucedem-se factos.  
Clareia a janela,  
acinzentam-se as trevas,  
surge o quarto do espaço sombrio  
e nele tentam firmar-se rastros de luz pálidos e vacilantes.

A seguir, sem pressas,  
pois é uma cerimónia,  
amanhecem as superfícies do tecto e das paredes,  
separam-se as formas  
umas das outras,  
a esquerda da direita.

Alvorecem as distâncias entre os objectos,  
chilreiam os primeiros clarões  
no copo e na maçaneta,  
Já não só parece, agora é no seu todo,  
aquilo que ontem foi movido,  
o que caiu no chão  
e o que se enquadra nas molduras.  
Só os pormenores não deram entrada no campo da visão.

Mas atenção, atenção, atenção,  
muito parece indicar que regressam as cores  
e mesmo a mais ínfima coisa vai recuperá-las  
juntamente com os tons da sombra.

Muito raramente isto me espanta, mas deveria.  
Habitualmente, acordo na condição de testemunha atrasada,  
com o milagre já consumado,  
o dia estabelecido  
e o amanhecer com mestria em manhã transformado.

Até sempre, Cecília. O teu

Joaquim Azevedo  
Porto, janeiro de 2014.